



Escola Waldorf
Francisco de Assis

INFORMATIVO OCCASIONAIS FRANCISCO

INVERNO | 2019 | ANO IV - Nº 14



EDITORIAL

por Tereza Racy

“Quando beber água,
lembre-se da fonte”
(Lao Tsé)

Acabamos de vivenciar a época de Pentecostes (cinquenta dias após a Páscoa) que nos remete à ideia de uma grande comunhão, quando os discípulos de Jesus foram capazes de se fazer compreender em todas as línguas.

Essa passagem nos permite fazer pequenas reflexões sobre a importância da palavra, como o Verbo criador, pois foi através dela que, após criar o céu e a Terra, Deus criou a luz, o firmamento e tudo o que está abaixo dele, o Homem e a Mulher.

A palavra produz grandes poemas.
A palavra constrói pontes entre pessoas e povos.
A palavra desenha impressões de amor na alma.
A palavra compõe as mais belas histórias de amor.

Mas, a palavra pode conclamar a guerra.

No entanto, quando em uníssono com a sua expressão suprema, constrói ambientes de harmonia, amor e progresso.

Ao Homem e à Mulher foi concedido o dom da palavra para que fosse usado na sua mais divina expressão, como fonte criadora do seu caminho para a Unidade, observando os princípios da justiça, da coerência e da fraternidade.

Dentro desse contexto as comunidades, não importando o seu tamanho, condições teriam de alcançar a essência do Humano, “não impondo ao outro o que não deseja para si próprio” (Confúcio, 551 a.C). O cuidado com os ambientes de conversa, a celebração da vida e da amizade, fortalecem as comunidades. Esse, penso ser, o grande ensinamento do tempo de Pentecostes.

Preparemo-nos agora para São João. Que venha o calor da fogueira para aquecer nossos corações, afinando as notas dissonantes que ainda ecoam nos nossos ouvidos, harmonizando essa grande orquestra que é a vida.

SUMÁRIO

- 04 | REFLEXÃO DE ÉPOCA**
A revelação de Pentecostes
- 08 | O DESENNROLAR DE UM FIO MÁGICO**
Um quintal cheio de sóis
- 12 | FOLHA LIVRE**
A Autogestão e as Escolas Waldorf
Parte I: Desenvolvimento em 4 âmbitos
- 14 | FALANDO COM O DOUTOR**
Os mais velhos que me perdoem,
mas o mundo virtual é fundamental!
- 16 | A VOZ DA COMUNIDADE**
Comunidade de Destino
- 18 | É ASSIM QUE SOMOS**
Ser diferente é bom
- 20 | NOSSO ALIMENTO**
O que é nutrição além do ato
do ser humano de se nutrir?
- 24 | ACONTECEU NA FRANCISCO**
- 100 Anos na FEUSP
- Pedagogia na TV Cultura
- Teatro do 12º Ano
- Festa Semestral
- Mangue Beach
- 32 | NAFUNÇÃO**
A Costura e a Construção
- 33 | VIDA EM VERSO**
Jacksons

EXPEDIENTE

Editorial: Tereza Racy

Colaboradores: Ana Paula Cury; Andréia Veiga; Carolina De Cicco Pagnano Mariz; Cristina Velasquez; Denise Seignemartin; Fernando Andrade; José Carlos Machado; Kelli Marcomini; Livia Gomes Ferreira Campanholi; Lucas Moraes Rocha; Marcelo Rito; Marina Hilsdorf Brito; Pedro Cardoso; Roberto Dertoni; Rosa Crepaldi; Thiago Borazanlian; Vidal Bezerra.

Projeto Gráfico e Diagramação: Felipe Kertes

Capa: Autoria Desconhecida

Fotos: Arquivo EWFA

O Informativo Francisco é uma publicação trimestral da Associação Humanista Francisco de Assis (EWFA) e é distribuído gratuitamente.

É proibida a reprodução total ou parcial de textos, fotos e ilustrações, por qualquer meio, sem prévia autorização dos artistas ou do editor do Informativo.

Sugestões, comentários e críticas para secretaria@ewfa.com.br

Av. Basileia, 149 | Lauzane Paulista | São Paulo - SP
CEP 02440-060 | (11) 22310152 | (11) 22317276

www.ewfa.com.br



Escola Waldorf
Francisco de Assis

WALDORF
100

LEARN
TO CHANGE
THE WORLD

waldorf-100.org



REFLEXÃO DE ÉPOCA

A revelação de Pentecostes

por Dr. Ana Paula Cury | Médica Antroposófica. Fundadora da Escola de Pais da EWRS Coordenadora do Projeto Social Semear

A festa de Pentecostes evoca a lembrança de um acontecimento que significou para aqueles que o experimentaram - os discípulos de Cristo Jesus - um despertar. Para os apóstolos foi como acordar de um longo e estranho estado de sono profundo e repleto de sonhos, um sono, porém, que não os impedia de realizar as atividades corriqueiras. De fato, eles estavam como que imersos num estado de consciência fora do comum. Eles se encontravam reunidos no mesmo lugar em que ocorrera a última ceia na presença de seu mestre, e sentiram como se, vindo do cosmo, descesse sobre eles a própria essência do Amor supremo. Sentiram-se como que tocados e fecundados do alto por este Amor que permeia e aquece todo o universo como uma força original e quando de lá eles saíram, estavam transformados. Tinham alcançado um novo estado de espírito, abandonando o modo de vida limitado e egoísta. Eram agora portadores de um coração infinitamente generoso, de uma tolerância irrestrita e uma profunda compreensão por tudo o que é humano na Terra. Além disso, agora cada um deles podia se expressar de forma que qualquer pessoa os entendesse.

Em realidade, eles haviam ressuscitado pelo espírito do Amor Cósmico e por força deste espírito sentiam agora uma nova compreensão do que realmente acontecera no Gólgota.

Mas o que isto tudo tem a ver conosco hoje?

Estudando a evolução da humanidade, vemos que nos estágios primordiais do desenvolvimento cultural os seres humanos se dedicaram à formação de agrupamentos sociais. Inicialmente, os interesses do indivíduo eram sacrificados em favor do interesse do grupo. Isso era natural. Entretanto, quanto mais se avança em direção ao tempo presente, em decorrência de mudanças na própria consciência humana, chega-se à emancipação do indivíduo dos interesses do grupo, e ao livre evoluir das necessidades e forças de cada um. E com isto, hoje, experimentamos um impasse. Pois, se por um lado, a humanidade foi libertada da alma grupal mediante um processo de individuação, por outro lado, sentimo-nos mais isolados, mais solitários, ansiando por pertencer a algo maior que dê sentido e propósito às nossas vidas.

Vivemos em uma era em que muitas coisas estão se dissolvendo, várias estruturas vêm se desintegrando. Com velocidade exponencial, formas e organismos sociais que nos sustentaram através de gerações vêm se desfazendo: famílias, sistema de classes, comunidades tradicionais. Antigos modelos de carreiras estão desaparecendo, o vínculo entre empregadores e funcionários está mudando. Com tantas coisas se transformando, coisas que antes constituíam referências e transmitiam um senso de segurança e significado às nossas vidas, uma onda de incertezas vem despontando. Os níveis de *stress* estão cada vez mais altos; comportamentos adictos (adicções as mais variadas) estão beirando o epidêmico; a violência urbana segue numa escalada sem precedentes. Nós nos tornamos familiarizados, pior, nos habituamos ao isolamento e comportamentos antissociais. Ao mesmo tempo, à nossa volta podemos testemunhar uma intensa busca de um sentido para a própria existência. Em certo sentido, o pseudo-tribalismo das *gangs*, a violência racista, xenofobia, seitas, movimentos fundamentalistas poderiam todos ser vistos como sintomas de uma necessidade de pertencimento (ainda que distorcida).

A tensão entre ser livre e a necessidade de pertencer se manifestam em todos os lares, salas de aula, locais de trabalho. A maioria de nós não gosta que lhes digam em que acreditar, como se comportar, o que ler ou escutar, o que usar ou o que comer. Queremos fazer nossas próprias escolhas – especialmente com quem vamos nos relacionar e como. Mas esta sensação de liberdade pessoal tem um custo – um isolamento, às vezes até mesmo um vazio. Um vazio que bens de consumo, substâncias químicas e formas de entretenimento não podem preencher. Queremos ser indivíduos livres, e ao mesmo tempo experimentar um senso de conexão com outros. Queremos ter autonomia e ser parte de uma comunidade que nos apoie e nos ofereça um senso de identidade mais amplo.

Mas comunidades, incluindo as que escolhemos nós mesmos, também trazem consigo seus próprios problemas. E frequentemente nos vemos confrontados com duas grandes questões:

. lidar com a identidade e as fronteiras entre o nosso próprio grupo e os demais;

. e uma certa perda de (ou renúncia à) liberdade individual.

Todo contexto social gera incluídos e excluídos: em maior ou menor extensão ele distingue, e por isso separa, um grupo de outros, ao mesmo tempo que une os indivíduos dentro dele. Comunidades têm fronteiras a administrar, limites a proteger, crenças e símbolos a preservar, visões a promover e identidade a sustentar. Muitas vezes isto leva a conflitos com outros grupos, disputas por território, formação de feudos organizacionais, sectarismo, nacionalismo, e até ao terrorismo e represálias.

Dentro das comunidades também existem usualmente tensões. Nós já não respeitamos automaticamente aqueles que se encontram nos papéis de liderança; as pessoas querem competência para iniciativa pessoal, e demandam provas sob forma de resultados esperados conforme seus próprios paradigmas para apoiá-las na expressão destas. Quando se busca o consenso, este quase sempre lhes escapa. A competição ameaça sua habilidade de permanecer unidas, conduzindo por vezes a rachas e rupturas.

Talvez precisemos olhar para estas tendências contraditórias – o impulso para exercer a livre escolha pessoal por um lado, e o desejo de se identificar com uma comunidade mais ampla, por outro – como expressões de uma importante evolução social. O processo de Individuação é tanto resultado quanto causa de toda esta tensão. Ele traz uma crescente demanda e potencial para uma autonomia pessoal, mas também isolamento e insegurança.

Rudolf Steiner ao formular no início do século XX o que chamou de “lei social básica” caracterizou nossa época da seguinte maneira:

“Nos tempos modernos, impulsos antissociais devem se desenvolver a fim de cultivar o Self Individual. Gostemos disso ou não, nós, seres humanos, estamos sujeitos a essa evolução. Mas já é hora de introduzir formas sociais que contrabalcem esta tendência evolutiva. Internamente, forças antissociais devem estar ativas de forma que a evolução humana alcance seu auge; externamente, porém, a sociedade deve estar estruturada de modo a impedir que os seres humanos percam suas conexões uns com os outros nesta vida. O que a sociedade pede de nós neste momento não é outra coisa senão providenciar a necessária contramedida capaz de equilibrar a tendência prevalente na evolução interna da humanidade”.* (Berlim, 12/12/1918)

*Na expressão impulsos antissociais utilizada por Steiner, faz-se referência a forças de antipatia, que não deveriam ser interpretadas como moralmente negativas. De um ponto de vista objetivo e fenomenológico, trata-se de forças que nos devolvem ao nosso próprio reino de pensamentos e autoconsciência, lá onde somos mais despertos. Elas objetivam o desenvolvimento da consciência do eu. Contudo, unilateralmente levados às últimas consequências resultam num egoísmo nocivo, na busca do proveito próprio em detrimento das necessidades legítimas de outros.

Se reconhecermos que tal tendência é um padrão universal, esta situação terá implicações de largo alcance para a construção de comunidades de todos os tipos. Qualquer comunidade que venhamos a constituir só continuará a ser saudável e bem sucedida se levarmos em conta este processo de individuação, aceitando-o e apoiando-o. Precisamos abraçar a individuação como uma necessidade evolutiva; é contraproducente resistir a ela ou tentar revertê-la. O desafio é criar relacionamentos sadios entre seres humanos cada vez mais conduzidos por si mesmos. Nas palavras de Steiner, chegar a um individualismo ético.

De acordo com Peter Selg em seu livro “Rudolf Steiner on the work of the Individual and the Spirit of Community”, Steiner definia o *turning point* de nosso futuro social como uma questão de vontade, como a disposição de indivíduos para criar novos meios de trabalhar em conjunto e encontrar novas formas sociais baseadas num conceito de trabalho como uma atividade altruísta a serviço das tarefas e metas da comunidade. Os indivíduos só permaneceriam motivados para o trabalho se conscientemente experimentassem a realidade de sua tarefa comum – ou, em outras palavras, se se mantivessem ativos plenamente autoconscientes, na esfera em que as metas concretas e comuns são estabelecidas, sendo capazes de agir por iniciativa própria segundo suas aptidões, talentos e esforços.

“Se alguém deve trabalhar pelo todo, então deve perceber e sentir o valor, a essência e importância deste todo. Isto só é possível se o todo for diferente de uma soma de indivíduos mais ou menos indefinida. Ele deve ser sentido como um real espírito no qual todos participam. Cada um deve ser capaz de reconhecer que o todo é bom e certo, e querer que ele o seja. O todo deve ter uma missão espiritual, e cada indivíduo deve querer contribuir para a realização desta missão. O espírito do todo deve ser vivo permeando e atuando em cada indivíduo e através de cada um”. (GA 34)

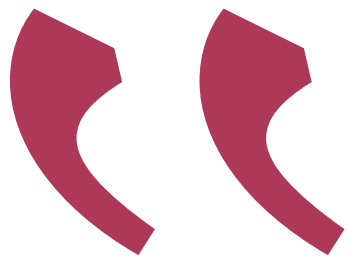
Ocorre que onde a verdade de um ideal comum ligar diferentes eus, é dada a um ser espiritual a oportunidade de inspirá-los e viver em comunhão com eles. De certa maneira, formamos o leito, o ambiente no qual a alma grupal pode corporificar-se. “Este é um princípio geral de toda a vida. A vida comunitária dos homens, uns nos outros, tem o mesmo significado da vida

conjunta das células dentro do corpo humano.” (RS) Podemos reconhecer que um corpo humano é constituído por milhões de células para oferecer uma morada ao espírito que nele vive. Da mesma forma, “associações humanas são os lugares onde seres espirituais descem a fim de atuar através de indivíduos tal como a alma atua por meio dos membros do corpo.” (Rudolf Steiner em palestra de 23 de novembro de 1905).

E os homens transformarão a vida terrena enriquecendo-a ao desenvolver algo que faça descender entidades espirituais dos mundos superiores.

Isto foi colocado certa vez diante da humanidade de forma grandiosa, poderosa, a fim de mostrar como podemos encontrar um caminho para, em união espiritual, oferecer ao espírito coletivo um lugar para sua manifestação. A imagem arquetípica desta realidade nos é apresentada pela Comunidade Pentecostal, quando o fervoroso sentimento coletivo de amor e devoção aqueceu um número de homens que se havia reunido para uma ação coletiva. Ali estavam seres humanos cujas almas estremeciam de tal modo pelo acontecimento comovente que o mesmo ainda vivia em todos. Pelo confluir desse sentimento uno, eles proporcionaram aquilo em que algo superior, uma alma coletiva, pôde corporificar-se. Isto foi expresso dizendo-se que o Espírito Santo, a alma grupal, desceu e se dividiu como línguas de fogo. E este é o grande símbolo e imagem-guia para a Humanidade do futuro. Se a humanidade se encontrar conjuntamente numa verdade comum dará a entidades espirituais superiores a possibilidade de atuar através dos homens na espiritualização da Terra.

Quando nós nos reunimos numa comunidade escolar Waldorf sob um mesmo ideal, o ideal do ser humano, no qual vigora o mistério da trindade, e buscamos o pensar luminoso, o sentir cáldo e um querer vigoroso, para formar indivíduos livres, capazes de agir movidos pelo amor aos seus semelhantes, então, animados pelo mesmo Espírito, também poderemos contribuir para o resgate da dignidade humana e ajudar a criar uma nova ordem social no mundo. ■



O espírito
do todo
deve
ser vivo
permeando
e atuando
em cada
indivíduo
e através
de cada um

REFERÊNCIAS

- 1) *The Mystery of Meeting- relationships as a path of discovery* - Steve Briault
- Sophia Books
- 2) *Rudolf Steiner and the work of the individual and the spirit of community* - The Fundamental Social Law
- Peter Selg - Steiner Books
- 3) *The Culture of Selflessness* - Rudolf Steiner,
the Fifth Gospel and the Time of Extremes -
Peter Selg
- Steiner Books
- 4) *O Quinto Evangelho* - Rudolf Steiner
- Editora Antroposófica
- 5) *Seres Elementares e Seres Espirituais* -
Rudolf Steiner
- Editora Antroposófica





DESENROLAR DE UM FIO MÁGICO

Um quintal cheio de sóis

por Carolina De Cicco Pagnano Mariz | Especialista em Pedagogia Waldorf

Aos sete anos, quando fui alfabetizada, tive o privilégio de ser acolhida pela Dona Izabel. Uma senhorinha de óculos, olhar terno, voz suave e mãos delicadas. Ela tinha um perfume gostoso de quem havia acabado de sair do banho. Usava meia calça, sapatinho fechado e vestido florido. Uma beleza de se ver!

Eu realmente sentia um profundo amor por ela. E sabia que ela sentia um profundo amor por todas as crianças daquele primeiro ano.

Aprendi tudo com muita facilidade. Ela tinha muito interesse em nos ensinar. Pegava na mão das crianças que tinham mais dificuldade com o lápis, sempre com paciência e carinho. Eu sempre fui muito calada e tímida, porém uma excelente observadora. Meus olhos estavam sempre acompanhando os passos de D. Izabel. Tudo o que ela fazia e falava eu imitava quando chegava em casa, brincando de escolinha com minhas bonecas.

Dona Izabel encontrava um jeito de alfabetizar todas as crianças. Para cada aluno, ela ensinava de uma forma única. Fazia versinhos com as letras, desenhos e assim conseguia alfabetizar a turma toda. Ela nunca desistiu, mesmo nos casos mais difíceis. Em seu olhar havia entusiasmo e nós nos sentíamos realmente capazes de aprender até o que era mais difícil. Professora Izabel não tinha medo de fazer coisas diferentes e confiava em sua capacidade de ensinar e na nossa capacidade em aprender. Não tinha como dar errado.

No segundo ano escolar mudamos de professora. Infelizmente toda a doçura e amorosidade que havia experimentado se transformou em medo e tensão. A nova professora tinha uma voz estridente, gritava e era grosseira com toda a turma. Uma grande perda, porém, um enorme aprendizado que naquela época, eu nem fazia ideia que seria tão importante para minha vida.

Muito tempo se passou depois disso e nunca mais pensei na Dona Izabel e na professora malvada.

Aos vinte anos ingressei na faculdade de Pedagogia. Meu sonho era ser um dia como a Dona Izabel. Durante o curso, fomos apresentados à Pedagogia Waldorf. Fizemos uma excursão até a escola Waldorf Rudolf Steiner e desse dia em diante tudo mudou em minha vida. Senti que a proposta pedagógica de Rudolf Steiner era tudo o que sempre acreditei ser o melhor para as crianças, mas até então, nunca soube de sua existência. Desse dia em diante passei a ler tudo sobre o assunto e segui com minha faculdade.

Quando minha filha tinha 4 anos, matriculei-a no Jardim Waldorf Colibri. Foram anos maravilhosos, onde pude experimentar a Pedagogia Waldorf como mãe.

Que aprendizado! Toda essa experiência só confirmou que meu caminho como pedagoga deveria seguir através da Antroposofia e logo iniciei minha formação.

Não demorou muito tempo e quando percebi, passados alguns anos, eu havia me tornado professora de jardim de Infância Waldorf. Em dezembro de 2013, eu meu marido decidimos nos mudar para Santos. Sou santista e achei que seria bom retornar às origens. Sempre tive o sonho de ter meu Jardim de Infância. Senti que toda essa mudança trouxe o impulso de tentar. Buscamos a casa e depois de muita procura encontramos um lugar que fez meu coração pulsar com mais calor! Encontrei! Mas e agora? Não havia dinheiro, não havia parceria, nada! Só um sonho.

Bom, posso garantir que quando nós temos a intenção de fazer algo legítimo, com compromisso e amor, as coisas acabam sendo levadas para que tudo dê certo. Consegui alguns meses de carência no aluguel, meu marido conseguiu um dinheiro para a reforma, ganhei de presente dos parentes as mobílias e pronto! Um Jardim de Infância havia nascido.

O nome que escolhi foi “Quintal do Sol”.

Enquanto o ano letivo não começava, passei todos os meses de outubro, novembro e dezembro oferecendo grupos de estudo, cursos de feltragem, panificação e tudo o que sabia fazer para juntar dinheiro e providenciar um caixa. E assim segui.

Mas e as crianças? Cadê as matrículas? Nada!

Os meses se passavam e nenhuma família fazia a matrícula. Cheguei a pensar que tudo havia sido um grande equívoco. Como eu pude me comprometer em alugar um imóvel caro como aquele sem saber se conseguiria pagar? Que estupidez! Passei muitas noites sem dormir. Mas segui. Descobri que isso se chama fé.

Comecei o ano letivo com duas matrículas. O primeiro dia de aula foi lindo! Tudo pronto para meus dois alunos. Roda, história, brincadeira de mão e muito carinho e trabalho em nossa nova casa. E assim seguimos, até que no outro mês entraram mais dois, no outro mais dois, até que no final do ano tínhamos quase vinte alunos. A cada dia, a cada ano, muito desafio e aprendizado aconteceu naquele Quintal. Cinco anos se passaram e hoje contamos com mais de 45 famílias.

Fácil não foi, mas confesso que morro de orgulho desse Quintal! O trabalho é intenso, pois não se restringe às crianças. É preciso olhar para a equipe e para as famílias. A escola é um organismo vivo, um microcosmo complexo e cheio de ralações. Um baita desafio, assim como é uma família. Mas a gente tem a oportunidade de aprender um montão! De se olhar e olhar o outro. De falhar e depois melhorar, assim como fazem os membros de uma família. Uma escola Waldorf passa a ser um lugar de vivências humanas de verdade. Uma comunidade se forma de imediato e tudo o que acontece reflete em todos.

Sou muito diferente do que era há cinco anos e sei que seguirei me transformando. Tenho profunda gratidão pelas famílias e



colaboradores que por ali passaram. Mas gostaria de aproveitar esse espaço e trazer algumas considerações:

A Pedagogia Waldorf é uma forma muito respeitosa de ensinar crianças. Ela traz o alimento necessário para cada fase do desenvolvimento infantil. Esse aspecto me encantou para que escolhesse esse caminho como vida e profissão.

Comecei a notar que as crianças que eu ensinava há dez anos eram muito diferentes das crianças que chegam hoje.

Claro! Em dez anos muita coisa mudou no mundo. Percebi que muitas crianças começaram a perder os dentinhos mais cedo, e isso me fez ficar alerta. Conversei com colegas, com dentistas (sim! a troca precoce dos dentinhos é um fenômeno geral). O que significa tudo isso? O que nossas crianças querem nos dizer? O que no mundo está acontecendo atualmente?

Estamos acelerados. Todos nós. O mundo todo está assim. As crianças apenas refletem esse nosso estado. Hoje temos uma comunicação veloz. Sabemos sobre tudo e tempo todo. A velocidade das notícias é algo impressionante. Estamos aprendendo a lidar com essa nova época. Creio que estejamos buscando o ponto de equilíbrio.

Assim como o excesso das tecnologias e da velocidade das informações podem nos causar transtornos, vejo que podemos tirar proveito dessa nova era de comunicação. Hoje podemos levar informações sobre a Pedagogia Waldorf a um número muito maior de pessoas. Acho isso válido. Usar tudo isso para uma finalidade importante. Quantas famílias que buscavam uma alternativa para a educação de seus filhos chegaram até nós através da internet? Respondo que foi um número expressivo. E que ao entrarem em contato com nosso Jardim, com a Pedagogia Waldorf transformaram significativamente alguns aspectos de suas vidas. Isso é Antroposofia!

A Antroposofia deve intervir conforme as exigências do atual espírito da época, na verdadeira vida prática em todos os âmbitos! Podemos e devemos usar isso a nosso favor.

Tudo o que Rudolf Steiner nos traz é grandioso. Tenho certeza que a Pedagogia Waldorf, cada vez mais se faz necessária na educação, principalmente nesse momento tão “acelerado” no qual nos encontramos. Quais novas profissões surgirão nos próximos anos e quais deixarão de existir?

De que forma precisamos preparar essas crianças? Como lidar com o excesso de informação, de tecnologias que o mundo oferece a todos nós? A troca de experiências, dúvidas e questionamentos com outros colegas se faz cada vez mais necessária. Isso nos conforta e nos dá força para seguir.

Essas indagações fazem parte do meu trabalho, assim como compreender a importância de se ter fé e confiar no futuro.

O que posso afirmar, é que mesmo diante de todas essas indagações e considerações, um Jardim de Infância Waldorf é uma semente plantada para um mundo mais humano. Não tenho a menor dúvida de que a Pedagogia Waldorf é um caminho verdadeiro para conduzirmos crianças a se relacionarem com o mundo de forma concreta, respeitosa, amorosa. Numa sociedade acelerada e ansiosa, ensinar sobre processos da vida de forma tranquila, concreta e amorosa é como um bálsamo para esses seres que chegam até nós.

Reconhecer que a educação Waldorf é capaz de despertar em uma criança pequena o interesse pelo outro, a vontade de servir e sentir alegria e gratidão pelo mundo em que vive, só nos faz querer continuar nesse caminho com muita fé e esperança.

De que modo a Pedagogia Waldorf deve estar presente em nossa cultura e em nossa vida atual, de forma viva e verdadeira em nossa escola? Acredito que seja através do estudo contínuo da Antroposofia e de sabermos atuar com o espírito. Diante disso,



percebo a importância em não seguirmos padrões preestabelecidos ao conduzirmos nosso trabalho pedagógico. Devemos nos perguntar se essa atuação ainda de fato funciona para essas novas crianças. É preciso coragem para tentar outras formas de aplicar a Pedagogia Waldorf. Como devemos fazer isso? Devemos viver a Antroposofia de forma que esse movimento vise conquistar no mundo sua posição autônoma como um movimento dedicado a solucionar os problemas da vida prática.

Cem anos se passaram. As Escolas Waldorf crescem a passos largos ao redor do mundo. Tenho certeza que continuarão crescendo.

Dona Izabel não conhecia a Pedagogia Waldorf, mas com sua atitude comprometida e corajosa, conseguiu alcançar o seu objetivo: ensinar seus alunos a ler e escrever.

Ensinou também o poder que existe quando uma pessoa nos mostra que somos importantes e capazes. Naquele primeiro ano, aprendi uma lição que carreguei por toda minha vida: o maior presente que você pode dar para alguém é mostrar seu interesse sincero por ela.

Para mim, a Dona Izabel é a Pedagogia Waldorf. ■

Carolina De Cicco Pagnano Mariz | Especialista em Pedagogia Waldorf pelo Centro Universitário Ítalo Brasileiro em São Paulo. Educadora Terapeuta pelo Centro de Formação Profissional Antroposófica Guainumbi, reconhecida pelo Círculo Internacional de Formações e pela Seção Médica do Goetheanum na Suíça. Pedagoga pela PUC de Santos. Foi docente em jardins de infância Waldorf em São Paulo e atuou como Pedagoga Curativa de crianças, jovens e adultos nas associações antroposóficas Travessia e Parsifal. É idealizadora do Jardim de Infância Waldorf Quintal do Sol, em Santos – SP, onde atua como professora. Coordena cursos de formação em Pedagogia Waldorf. E-mail: caroldecicco77@gmail.com



FOLHA LIVRE

A Autogestão e as Escolas Waldorf Parte I: Desenvolvimento em 4 âmbitos

por Roberto Dertoni | Consultor de Desenvolvimento Humano e Organizacional, com formação em Trimemoração Social pelo Emerson Collegee Centre for Social Development, na Inglaterra.

Este ano as Escolas Waldorf (EW) estão celebrando 100 anos de existência. Ao longo desse tempo muitas escolas inspiradas na Antroposofia foram criadas em diversos países.

Além de toda a inovação com relação à questão pedagógica e à atuação do professor, a partir de uma compreensão mais ampla do desenvolvimento humano, uma coisa que logo chama a atenção quando entramos em contato com uma EW é sua forma de gestão, onde pais, professores e funcionários atuam de forma associativa.

Mas, apesar de muitas EWs ao redor do mundo terem muita experiência acumulada nesse sentido, ainda há uma grande dificuldade de trabalharem de forma associativa e até de entender o que significa trabalhar, na prática, de forma associativa. Muitas vezes, no início de uma escola, se tem a concepção de que todos devem decidir tudo, o que leva a um certo caos, a uma demora nas decisões e, várias vezes, a conflitos e, até mesmo, inoperância.

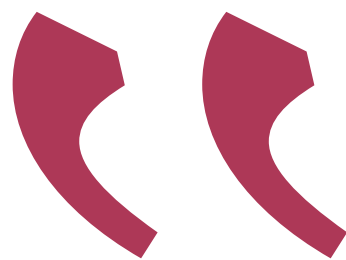
Então surge a questão: como podemos nos organizar como grupo, de forma inteligente, de maneira a aproveitar o potencial de cada um em prol dos objetivos do todo? Como fazer isso sem sermos lentos nas decisões e ações? Como respeitar e conciliar as vontades de cada um, sem levar ao caos e aos conflitos?

A dificuldade inicial tem a ver com a estrutura de gestão, sobre como nos organizamos como grupo. E aqui persiste uma falta de clareza sobre o que é trabalhar em grupo, o que é gestão compartilhada e o que é autogestão. Sobre quem é responsável por decidir o quê e quando e sobre como delegar responsabilidades.

Outro aspecto importante a considerar é que para sustentar a estrutura de gestão (a organização em grupo), é importante que as pessoas envolvidas aprendam a trabalhar com processos participativos de reunião, de tomada de decisão e de delegação. Mas para que esses processos caminhem bem, é preciso desenvolver habilidades relacionais

essenciais como escuta ativa, comunicação franca e respeitosa e saber distinguir o que é fato do que é opinião pessoal ou julgamento. E para sustentar essas habilidades relacionais na prática, é fundamental que cada um trabalhe no seu autodesenvolvimento, aprendendo a reconhecer, admitir e aceitar suas luzes e suas sombras, se tornando aprendiz de si mesmo.

Para que uma EW (ou qualquer outra organização que queira trabalhar de maneira menos hierarquizada) seja bem-sucedida precisa trabalhar o desenvolvimento de seus integrantes nesses quatro âmbitos. Isso requer um esforço contínuo de desenvolvimento, que traz seus frutos com mais clareza dos papéis de cada um, com decisões mais rápidas e que geram mais comprometimento de todos, com relações mais harmônicas e com pessoas mais autênticas e responsáveis. ■



é preciso desenvolver habilidades relacionais essenciais como escuta ativa, comunicação franca e respeitosa e saber distinguir o que é fato do que é opinião pessoal ou julgamento.



FALANDO COM O DOUTOR

**Os mais velhos que me perdoem,
mas o mundo virtual é fundamental!**

por Dr. José Carlos Machado | Médico Escolar

Parafraseando o poeta que se referia à beleza como sendo algo essencial e atualizando para algo mais prático no nosso cotidiano, realmente não podemos abrir mão das numerosas vantagens que esses aparelhos nos trazem e ficamos imaginando como conseguimos sobreviver até pouco tempo atrás sem a ajuda dessa tecnologia absolutamente maravilhosa. Abaixo a tecnofobia! E viva o mundo virtual! Essas são as palavras de ordem que se por acaso não repetimos, nos tornamos defensores e ainda entusiastas dessa nova aquisição moderna.

Não seria o caso de talvez nos preocuparmos com o isso? Até que ponto não percebemos o quanto estamos dependentes disso? O primeiro celular foi lançado na década de 90. O final do século passado trouxe a possibilidade de um aparelho que combinava telefonia celular com tecnologias da computação. No início do século atual surgem os primeiros modelos dos chamados smartphones cada vez com mais recursos e que se tornam obsoletos com a mesma rapidez com que são lançados os novos

modelos, estes com mais recursos ainda. Se o abuso não tem freio e inevitavelmente essa inovação veio para ficar fazendo parte de nossa vida, qual será o cuidado que precisaríamos tomar para um convívio minimamente prejudicial? Afinal tudo que é demais costuma causar alguns danos. Esse excesso traz complicações graves e que podem ser evitadas.

Justamente pela biografia recente desses aparelhinhos, já podemos refletir que os adultos de hoje não usufruíram desse convívio quando crianças ou jovens. Portanto, essa novidade que não completou três décadas ainda é algo que não sabemos como administrar com discernimento. É difícil atribuir ao seu uso malefícios e desconfortos que já são verificados, principalmente quando utilizados de forma exagerada. Um deles é a “cervicalgia” que é uma contração muscular causada pelo hábito de ficar com o pescoço voltado para a tela no celular várias horas no dia. Acrescente-se a isso, as manifestações de insônia, desatenção, desinteresse, preguiça, nervosismo, impaciência e outras tantas

avarias que o uso abusivo acarreta na criança e no jovem que passam um período significativo de suas vidas (e cada vez mais precocemente) com alguma tela virtual à sua frente, transmitindo imagens e sons. Algumas Academias de Pediatria ao redor do mundo (Japão, Estados Unidos e Canadá somente para citar algumas), fizeram estudos entre a população infantil e alertaram para os perigos que o uso de aparelhos virtuais pode trazer de dano ao cérebro e afirmam que quanto mais tardio o seu manejo melhor para a saúde mental de seus usuários. Em termos práticos, não oferecer antes dos sete anos e daí em diante restringir o seu uso no menor tempo possível, o que, infelizmente, vai na contramão do uso contínuo que observamos diariamente em todos os lugares, inclusive nas escolas.

Parece mesmo que essa irritação que alguns sentem, cada vez mais comum, também é algo que veio para ficar. Refiro-me ao desprendimento de algumas pessoas que, não se importando com o local ou na companhia de quem estejam, falam ao celular com desprendimento e absoluta naturalidade como se estivessem em suas próprias casas, deixando a nítida a impressão que esse tipo de atitude quer dizer para aqueles que se desagradam que: “os incomodados que se mudem!”. O problema é que nem sempre aqueles que se irritam podem sair de perto. No restaurante ou em uma fila do supermercado, por exemplo, tomamos conhecimento de toda a conversa, ficamos sabendo da opinião desse nosso vizinho, esse mais recente amigo, que compartilha sua opinião com todos e até nos convida a descobrir alguns detalhes sobre essa conversa, que deixou de ser particular e se tornou pública, e da qual você e eu somos convocados a participar. Falta bom senso para se adequar o ato e o local. Essa é uma questão curiosa, porque hoje se sabe que grande número de mortes no trânsito se dá quando o motorista recebe uma ligação e ao atender o celular, por impulso, simplesmente desliga-se de tudo que está à sua volta e, nesse descuido, muita coisa pode acontecer. Com as crianças observamos como o hábito de seu uso ocasiona um fenômeno conhecido como “intolerância ao tédio” e, caminhamos a passos largos, à inflexibilidade, ao

microtédio. Isto é, a tolerabilidade em ficar sem contato com o mundo virtual é cada vez menor e desse modo a paciência em ouvir e em relacionar-se com outra coisa desse mundo real acaba se tornando impraticável, porque o contato humano vai ficando cada vez mais substituído pelo virtual. A prioridade atual passa a ser de outra natureza. Atualmente nos referimos a esse tipo de manifestação como “abuso virtual”, talvez tão nocivo como outro tipo de droga (adição) mas, potencialmente mais arriscado porque os adultos e condutores dessas crianças e jovens também já devem estar muito contaminados com esse tipo de doença, considerando “normal” que seus filhos assistam aos vídeos infantis e brinquem com os brinquedos nos celulares de seus pais ou nos *tablets* que ganharam de presente. Talvez não percebam que esse tipo de comportamento ocasione efeitos tão deletérios, mas infelizmente os são.

A pergunta é: - Como seria para cada um de nós vivermos hoje sem essas ferramentas? A resposta seria talvez unânime: - Impossível! Sim a ideia não é negar sua importância, mas reavaliar o seu uso. Será que quando ofereço meu celular ao meu filho, que não fica quieto e incomoda todo mundo, essa não acaba sendo a atitude mais preguiçosa que estou tendo, somente para continuar na minha indolência e, logicamente, ancorando-me em justificativas vazias e insustentáveis do tipo: - Deixo ele mexer só um pouquinho, depois eu tiro. Do mesmo modo, se priorizo verificar todas as minhas mensagens de whatsapp, as curtidas no Instagram e atualizar o meu Facebook, ao invés de prestar atenção a quem está ao meu lado, roubando essas tarefas um tempo precioso de mim, não estaria na hora de redimensionar esse tempo? Enfim, sempre que trocamos o humano pelo virtual creio mesmo que estamos nos robotizando e nos tornando cada vez mais “inumanos”. Talvez devêssemos repensar que seu uso é muito bem-vindo, mas não pode ser imprescindível, afinal indispensável para o humano é outro ser humano. ■

Dr. José Carlos Machado
Médico escolar

(<http://www.youtube.com/c/AntroposofiaEmDia>)

e-mail - josecarlosnm@hotmail.com

(11) 989270689



A VOZ DA COMUNIDADE

Comunidade de Destino

por Kelli e Osvaldo | Pais dos jovens Pedro Henrique Marcomini de 21 anos, Marina Marcomini, de 19 anos e de Ana Clara Marcomini, de 16 anos. Marina e Pedro Henrique já terminaram Ensino Médio e Ana está no 10º ano.

Há dezoito anos pisamos pela primeira vez no chão dessa escola. Erámos um casal muito jovem e inexperiente, com dois filhos bem pequenos - três e quatro anos - e com uma bebê a caminho. Dependíamos de uma escola onde pudéssemos deixar os pequenos pois o lugar onde eles ficavam não coincidia mais com nossas expectativas. Queríamos uma escola diferente, que tivesse um olhar genuíno para a infância, que respeitasse o tempo das crianças e que fosse comprometida com valores humanos.

Assim, começamos nosso périplo por várias escolas da região. Foram numerosas visitas, conversas, dúvidas e angústias até que a pedagogia Waldorf nos encontrasse. Hoje sei que ela sempre esteve presente em nossos corações só esperando o momento certo para nos abrir a porta e nos receber com seus mistérios. Até hoje, não saberia dizer como fizemos a escolha. Uma amiga, que tinha sua filha em uma Escola Waldorf, nos contou um pouquinho da pedagogia e

nos deixou curiosos. Procuramos saber mais pesquisando na internet, mas naquela época, as informações a respeito eram bastante escassas.

Depois de conhecer tantas escolas tão bem “estruturadas”, a simplicidade calorosa e colorida da Chicão nos chamou a atenção. Ao contrário do aspecto quase asséptico das paredes brancas de algumas escolas que havíamos visitado, o tom pastel e levemente alaranjado do jardim nos convidava ao aconchego. No tanque de areia, casca de cocos, colheres de pau, canequinhas de ágata; nos cantinhos da sala - sem livros e brinquedos de plástico - tecidos dobrados e pendurados, toquinhos de madeira, panelinhas e bonecas de pano. Tudo muito simples, quase como a casa da gente, mas sem os excessos que costumávamos oferecer às crianças, na ânsia em querer vê-las felizes. A conversa com a professora foi amistosa e descontraída, sem aquele sentimento de alguém querendo nos “vender” um produto. Ela nos esclareceu qual era o papel dos pais dentro de uma Escola Waldorf e qual era

olhar da pedagogia para infância: crianças respeitadas em sua fase de desenvolvimento e que pudessem exercitar livremente o brincar. Isso até virou um bordão engraçado em nossa casa quando as crianças aprontavam alguma traquinagem: “NÃO INTERFIRA NO BRINCAR!” repetíamos rindo. Ficamos surpresos com muitas coisas depois daquela visita, e, por vários dias, ponderamos, até chegarmos ao consenso de que a Francisco de Assis, mesmo com toda a revolução que provocaria em nossa família, seria a escolha certa para nós. E assim, há 18 anos, estamos convictos de nossa escolha.

Olhando para trás vemos o quanto somos gratos pela escola e pela comunidade que nos acolheu. Muitos pais vieram antes de nós, trabalharam arduamente doando corpo, alma e espírito para que hoje, estivéssemos aqui. Tivemos a chance de participar de várias frentes de trabalho da escola e fizemos muitos amigos nessa jornada. Aprendemos muito como pai e mãe com esses companheiros, compartilhando dúvidas, inseguranças, e nos apoiando inúmeras vezes nos momentos de crise, porque as crises também fizeram parte do caminho e nos ajudaram a crescer.

Hoje olhamos para esse tempo com certa nostalgia, mas reconhecemos que muitas mudanças positivas aconteceram. A escola cresceu – hoje temos o Ensino Médio! –, profissionalizou-se e tem tentado atender de forma transparente e republicana as diferentes demandas que vão surgindo no correr dos dias.

Certa vez, em uma das palestras promovidas pela escola, tivemos a oportunidade de conhecer um senhor chamado Chris Schaefer. Foi o palestrante que nos falou, dentre outras coisas, sobre a missão dos pais em uma escola Waldorf. Depois participamos de um encontro de mantenedores na Sociedade Antroposófica onde ele seria o convidado. Neste dia ele nos falou sobre a “comunidade de destino”, que é esse lugar de pertencimento que o indivíduo, em sua singularidade e liberdade decide por fazer parte. Uma comunidade de destino pode ser formada de diferentes maneiras,

mas o principal são os ideais que a mobiliza. Cada um, em sua singularidade, tem o seu modo de enxergar o mundo. São muitas possibilidades de entendimento e a diversidade desses olhares é o que de mais rico podemos oferecer aos nossos semelhantes. Quando fazemos parte de um grupo, ou de uma egrégora, como muitos gostam de dizer, são as nossas aspirações mais elevadas que entram em sintonia com as aspirações do outro.

Fazer parte de uma comunidade de destino é acreditar que a força do coletivo pode ser maior que os interesses individuais, formando aquilo que Rudolf Steiner chamou de “individualismo consciente”, ou seja, reconhecendo a força e a singularidade das individualidades refletida na alma da comunidade.

Pertencer a esta casa é estarmos dispostos a aceitar com coragem o futuro, que ao mesmo tempo nos amedronta e nos dá esperanças. É saber que há algo maior que nos guia na árdua tarefa de construirmos em liberdade, um futuro mais fraterno e humano. Foi por isso que escolhemos estar aqui. ■





É ASSIM QUE SOMOS

Ser diferente é bom

por Pedro Cardoso | Jornalista

Fui aluno da Francisco de Assis entre 1999 e 2009, passando por Jardim e Ensino Fundamental. Foram dez anos de muito aprendizado, em vários aspectos. Sociais, intelectuais, manuais... Não poderia ter crescido de forma mais completa do que foi no ensino Waldorf. Quando saí, porque ainda não havia Ensino Médio, fui para uma escola tradicional.

E se havia alguma preocupação sobre possível defasagem de conteúdo, ficou claro desde o primeiro momento que isso não existia. Logo no primeiro bimestre, eu e meus amigos conseguimos notas melhores do que a maioria dos alunos que lá já estavam. E não tenho dúvida de que isso aconteceu porque nós estávamos acostumados com outro tipo de raciocínio, tão eficiente ou até mais do que aquele ao qual crianças de instituições convencionais são estimuladas a ter.

Ao longo dos três anos de Ensino Médio, não tive problemas de aprendizagem, não tive problemas em fazer amizades com pessoas que tiveram outra formação. O respeito às individualidades, pregados pela pedagogia Waldorf, foi peça fundamental no meu bom relacionamento com

todo e qualquer tipo de pessoa, algo importante nos dias atuais, de intolerância e desrespeito.

Depois de terminar o Ensino Médio, escolhi como caminho a faculdade de Jornalismo. E, de novo, obtive sucesso ao passar na Faculdade Cásper Líbero, uma das principais escolas da profissão. Em um curso no qual a interpretação de fatos, o raciocínio e a pluralidade são fundamentais, posso garantir que, mais uma vez, a base feita na Francisco foi fundamental, principalmente ao ver colegas que, criados em um sistema de respostas prontas e sem reflexão, cometem erros crassos e acabam denegando uma função tão importante para a vida em sociedade e a democracia.

Formado, já passei por diversas funções do Jornalismo e sempre tentando fazer o melhor. Mesmo em tempos de mercado fechado, a qualidade do profissional ainda abre portas. E se estas portas seguem se abrindo para mim, muito é por conta da formação que tive. E não tenho como colocar tudo na conta da faculdade. A Francisco de Assis, lá atrás, na minha infância, foi a base do que sou como pessoa, juntamente com minha família. E isso eu não posso, e não vou, esquecer.

Se, em algum momento, houver dúvida pelo fato de a pedagogia Waldorf ter premissas diferenciadas, eu me considero um exemplo de que são justamente estas particularidades que fazem pessoas melhores, alunos melhores em qualquer tipo de ensino ao qual sejam inseridos posteriormente. Cada criança é diferente e entender é o melhor caminho. Porque lá na frente, o jovem vai saber quem é, o que quer. Vai fazer boas escolhas de vida, incluindo no campo profissional e acadêmico.

Eu não mudaria nenhuma parte da minha caminhada e isso tem muito a ver com a base da minha vida, desde a infância. Hoje, trabalho em um site esportivo, faço o que gosto, não haveria nem motivo de arrependimento. Mas, com certeza, a forma como me sinto hoje está ligada às escolhas feitas nos meus quase 25 anos. O desenvolvimento das capacidades, todas elas, estimularam acima de tudo o pensamento e a tomada de decisões. E nos dias atuais, mais do que quantidade, é importante a qualidade das coisas que sabemos. Nisso, a pedagogia Waldorf é essencial para formar melhor. E não importa se sairão profissionais de humanas ou exatas. Sem dúvida, serão pessoas preparadas para se especializarem no que desejarem.

Por fim, a mensagem que desejo passar é de que não há razão para se preocupar com o futuro só porque a Francisco de Assis tem um modelo diferente da maioria das escolas. Ser diferente é bom. Aprender tudo o que aprendemos na Waldorf é um privilégio e, conscientemente ou não, são conhecimentos usados lá na frente, ao escolhermos um novo colégio ou uma faculdade. Mais ainda, no longo prazo, profissionalmente é positivo. Mesmo já fazendo 10 anos que saí da escola, sei que existe muito do que aprendi ainda dentro de mim. E essa sabedoria me ajuda no "mundo convencional", de vestibular, de mercado de trabalho. Porque a qualidade do que nos é passado nos deixa prontos para qualquer realidade que escolhamos para o futuro. Da minha sala, saíram engenheiros, atores, professores, jornalistas... em qualquer área, tenho certeza de que a base foi o estímulo dado pela Francisco ao aprendizado e à evolução pessoal e profissional. ■

Cada criança
é diferente
e entender
é o melhor
caminho.
Porque lá
na frente,
o jovem
vai saber
quem é,
o que quer.





O que é nutrição além do ato do ser humano de se nutrir?

É essencial pensar na alimentação para além de um ato fisiológico de manutenção da vida e para além do prazer e convívio social. O ato de comer é dependente do sistema agrícola/agropecuário para produção de alimentos, e isso o correlaciona diretamente com o social, com a política, economia, cultura, saúde, meio ambiente e questões éticas.

Tem relação com a cultura pela nossa história alimentar, práticas, hábitos, saberes e afetos alimentares; com o meio ambiente porque é totalmente dependente do solo, da água, do ar, da flora e da fauna para produção de alimentos; com a ética porque os trabalhadores, os animais e as plantas têm direito a dignidade; com o social porque todo processo de produção e

comercialização de alimentos é realizado por seres humanos e repercute de forma direta na sociedade, com a economia, pelo comércio e consumo, mas ainda longe de ser economia solidária e consumo consciente, pois atualmente cinco megacorporações agroquímicas oligopolizadas controlam a cadeia alimentar mundial: das sementes, agrotóxicos, fertilizantes e demais insumos à distribuição e negociação nos mercados; com a saúde, porque é o fundamento para o equilíbrio do organismo, bem estar e vitalidade, mas, hoje, infelizmente a maior parte dos alimentos são mercadorias sem capacidade de nutrir o ser humano.

Os alimentos chegam a nós envoltos por uma história, por isso é imprescindível refletir o que alimentamos com o que comemos.

Ao escolhermos um alimento, ganhamos muito mais que nutrientes e sabores, apoiamos conscientes ou não, uma forma de produção, um tipo de relação de trabalho e um determinado impacto ambiental. Trazemos para casa, além do alimento, toda sua cadeia de produção (plantação, armazenamento, transporte, processamento, embalagem, comércio e todo resíduo produzido nesse processo). Ignorar esses fatores é proteger-se de dois elementos do conhecimento: liberdade e responsabilidade.

Dentro da Antroposofia como o ato de se nutrir está inserido?

A nutrição ampliada pela visão da Antroposofia considera os mensuráveis valores nutricionais dos alimentos, mas vai além, contemplando também os substratos espirituais que há por trás deles, seus processos formativos e vitais. Reconhece que a alimentação age em todos os corpos (físico, vital e Eu), colaborando com o desenvolvimento espiritual do ser humano.

Olha para o ritmo dos órgãos, das estações do ano e do dia dentro do contexto da alimentação, pois todo processo vivo desenvolve-se ritmicamente. Embasa-se nos conceitos da tetramembração e trimembração e tem como central a importância da qualidade e vitalidade dos alimentos, assim como a sua forma de cultivo e processamento; sendo a Agricultura Biodinâmica considerada a forma de produção mais coerente.

A biografia do indivíduo, seu momento atual e seu temperamento são observados para elaboração da dieta, pois há alimentos específicos que podem beneficiar mais ou menos determinadas idades e temperamentos.

Enfatiza-se o consumo de alimentos in natura e frescos, deixando os

industrializados e processados para uso ocasional e com bom senso. Reflete sobre o consumo exagerado de carnes, açúcares, gorduras e óleos processados, farinhas e cereais refinados.

Os cereais integrais são especialmente indicados por serem alimentos completos, com valor equilibrado entre carboidratos, proteínas e gorduras, além de fibras, vitaminas e minerais essenciais. Os sete cereais são relacionados com os dias da semana e seus respectivos metais, indicando a sinergia entre ser humano e natureza.

As leguminosas e os vegetais da família das solanáceas são usados de forma equilibrada e conforme as necessidades individuais e não apenas sob o aspecto nutricional.

O conceito da vitalidade dos alimentos (soma de forças/energias sutis, provenientes do cosmos e da Terra que estimulam as plantas, o solo e os alimentos) é um pilar central dentro deste contexto, para a Antroposofia nós recebemos vitalidade do cosmos através dos alimentos.

A alimentação, sob a perspectiva da Antroposofia, visa promover o desenvolvimento saudável do corpo físico (que está interligado aos outros corpos), dos aspectos emocionais e espirituais do ser humano.

Qual o significado e as causas da mineralização das plantas? Que processo é esse? Os animais estão sendo criados como plantas? Como assim? Por que considera que os homens estão animalizados? Em qual sentido?

Estas três perguntas referem-se à degradação dos reinos.



O reino mineral tem sido profundamente degradado, poluído e contaminado. O ar que respiramos vem carregado de substâncias não desejáveis, como fumaça, dióxido de enxofre, dióxido de nitrogênio, monóxido de carbono. As águas recebem esgoto, petróleo, metais pesados e lixo, a que bebemos é clorada e “tratada” com substâncias químicas para tornar-se “potável”. Assim, toda força que o reino mineral carrega é diminuída.

O uso abusivo de fertilizantes, agrotóxicos, pesticidas, polui com concentrações elevadas de nitrato e metais pesados, o solo, os rios e as águas subterrâneas, afetando o homem e suas cadeias alimentares. Modificando também as condições naturais do solo, gerando erosão e salinização dos mesmos e intoxicando os vegetais com substâncias inorgânicas do reino mineral, causando perda de sua vitalidade e tornando-os “solidificados” e degradados para o reino mineral.

Os animais são criados como plantas, seus corpos são aprisionados em gaiolas, estábulos e espaços diminutos. Também são reduzidos de sua categoria de animais. Não podem procriar, são inseminados artificialmente por processos frios e mecânicos. Em granjas, por exemplo, as galinhas são criadas aos milhares, confinadas em imensos galpões, privadas de luz solar, com luz artificial ligada de 12 a 16 horas por dia, em uma cruel distorção da natureza vivem paralisadas como plantas em vasos, sem espaço para abrirem suas asas ou mesmo se virarem, impedidas de viverem de acordo com seus instintos (como esgravatar na terra, ciscar, procriar, sociabilizar), tem seus bicos cortados (debicagem) para evitar agressões que surgem devido à aglomeração de aves, são podadas como plantas e alimentadas apenas com ração. Vamos encontrar este modelo exploratório que impede que o animal viva conforme sua espécie, na criação industrial de porcos, gado, ovelhas e peixes.

O andar ereto, o falar e o pensar são qualidades exclusivas do ser humano, que possibilitam as manifestações puramente espirituais, como a individualidade, a autoconsciência, a liberdade e a moral. A possibilidade da “animalização” do ser humano refere-se ao embrutecimento dos

aspectos puramente humanos, as alterações do comportamento até um nível bárbaro, por exemplo, a irracionalidade ao invés do uso de sua capacidade pensante, de discernimento, tolerância, respeito e empatia.

Quando o homem não consegue dominar-se, renunciar a um prazer ou à satisfação de um desejo (alimentar, sexual, de consumo), ele está pareado aos animais, pois nenhum animal pode dominar seus instintos por uma decisão autônoma.

Outro exemplo comum é a necessidade constante de estímulos em nossa época, que sempre precisa ser substituído por outro estímulo, pois cessando a causa que provoca a sensação ou o sentimento, acaba também o estado anímico. Isso é típico do animal que está sempre entregue às suas sensações.

Muitos são os exemplos de atos “sub-humanos” que podemos observar em nossa sociedade. Somos livres, mas muitas vezes usamos essa possibilidade de forma desapropriada. A liberdade é uma conquista do ser humano, caso contrário não seria liberdade, mas praticá-la de forma harmoniosa requer autoeducação, consciência de si e de todo entorno.

*Qual primeiro passo para mudanças?
O que sugere?*

O primeiro passo é ampliar o conceito de alimentação saudável, pensar que uma dieta só é saudável quando promove saúde a todos os reinos (mineral, vegetal, animal e humano), e só uma dieta baseada em plantas, fresca, orgânica, de produção e comércio justo, integral e local, é capaz de alcançar esse objetivo.

Trabalhar na redução de resíduos/lixo, também faz parte dessa ampliação de saúde. Buscar outras formas de aquisição, reduzindo e repensando o consumo, rejeitando os excessos, reutilizando, reciclando e compostando. Afinal tudo que descartamos em nosso planeta, volta para a cadeia alimentar, por isso hoje estamos ingerindo entre outros poluentes, micro-plástico! Apoiar o modelo agroalimentar baseado na





agricultura familiar, na agroecologia, na agricultura orgânica e na biodinâmica, pois a produção orgânica além da não utilização de agrotóxicos prevê que o produto deve ser cultivado em um ambiente que considere a sustentabilidade social, ambiental e econômica, e valorize a cultura das comunidades rurais. A agricultura orgânica não utiliza agrotóxicos, hormônios, adubos químicos, sementes manipuladas e radiações ionizantes, em qualquer fase da produção. As técnicas usadas no processo de produção respeitam o meio ambiente e visam manter a integridade do alimento.

A qualidade do alimento depende diretamente da composição do solo e da pureza da água. Uma terra contaminada e escassa em micronutrientes irá gerar alimentos com uma composição nutricional pobre, com resíduos químicos e desvitalizados, descaracterizando assim o modelo primordial de cada alimento, e esses “pseudoalimentos” não podem nutrir de fato, nem humanos e nem animais.

Comprar alimentos da agricultura familiar orgânica contribui para o crescimento deste sistema, tornando-o mais acessível. Gastar com comida de verdade é investir no futuro, na segurança alimentar, na saúde e no meio ambiente.

Também contribuimos para que agricultores familiares, indígenas, quilombolas, ribeirinhas, extrativistas, silvicultores, assentados e pescadores, que são quem cultivam cerca de 70% do que comemos, continuem no campo produzindo e não precisem migrar para as cidades e viver fora de sua cultura, entre outras carências. Isso é saúde ambiental e social.

Cooperamos ainda para segurança alimentar, pois estes produtores plantam variedade de espécies e cultivam suas próprias sementes e insumos agrícolas sem subordinar-se às empresas estrangeiras, que controlam maior parte do mercado brasileiro, com o domínio de sementes e venda de agrotóxicos. Devemos valorizar alimentos locais, pois diminuir o caminho entre a produção até nossa casa implica em menos combustível, energia e embalagem.

Minimizar o consumo de alimentos industrializados e substituí-los por produtos frescos. Também é preciso pensar em diminuir significativamente o consumo de produtos animais (leite e derivados, ovos e carnes bovina, suína e aves), refletir sobre a qualidade de vida e direito dos animais, assim como no impacto ambiental da produção industrial de carne, causado pelo altíssimo consumo de água e milhões de hectares de terra que são necessários para criar e alimentar os animais, que ingerem essencialmente soja transgênica, que por sua vez é uma grande causadora de desmatamento, além de ser a cultura que mais utiliza agrotóxicos no país. O impacto segue com florestas queimadas para geração de pastos, redução da biodiversidade e alto consumo de energia em todo processo. Além dos agravantes do uso de antibióticos e outras drogas que irão terminar nas águas, e dos gases animais de efeito estufa e seu dejetos que também irão contaminar o ar e todo sistema hídrico. Ainda, dietas hiperproteicas tem associação direta com alguns tipos de cânceres, doenças metabólicas, renais e reumáticas.

Nossas escolhas alimentares impactam todo sistema, parte do processo para mudanças positivas são nossas ações individuais e não esperar apenas por mudanças vindas de fora.

Qual foi sua impressão em estar presente na escola Waldorf Francisco de Assis?

Desde o momento que recebi o convite para a palestra, observei um presente cuidado e trabalho coletivo. As professoras Patrícia e Louise me orientaram atenciosamente sobre o tema a ser abordado. Contaram-me o caminho percorrido pela escola com a questão da alimentação, suas conquistas, desafios e preocupações. Testemunhei o interesse dos professores e pais pela nutrição, e ver esse ato base da vida pedagógica ser tratado com zelo comunitário, me alegrou muito. Saí da palestra preenchida pela presença participativa da plateia, pela finalização com um lanche primoroso e por ainda ter sido acariciada com um lindo cartão escrito e desenhado a mão, mais um pão artesanal delicioso. Foi uma experiência gratificante ver a pedagogia Waldorf realmente em ação. ■

ACONTECEU NA FRANCISCO

100 Anos na FEUSP

por Denise Seignmartin (FEWB e EWFA), Marcelo Rito e Cristina Velasquez (FEWB)



Em comemoração aos 100 anos da Pedagogia Waldorf a Federação das Escolas Waldorf do Brasil – FEWB – e a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP –, no âmbito do Centro Universitário de Investigações em Inovação, Reforma e Mudança Social (Ceunir), organizaram um ciclo de debates discutindo temas contemporâneos na Educação.

O primeiro debate ocorreu no dia 2 de maio e o segundo em 16 de maio de 2019, no auditório da Escola de Aplicação da FEUSP no formato de Mesa Redonda com os seguintes temas: “Subjetividades e aprendizagem escolar” e “Escola e atuação sócio-política”, respectivamente.

No primeiro debate tivemos a presença do Professor Jonas Bach, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM –, do Prof. Jaime Cordeiro e do Prof. Douglas Emiliano Batista, ambos da FEUSP.

O Prof. Jonas Bach abriu o debate apresentando o entendimento do estudo científico de Goethe, em especial, a metamorfose das plantas através da fenomenologia, isto é, a ideia de que o arquétipo da planta já preexiste antes mesmo de ela vir a ser planta. O mesmo acontece com o ser humano, que traz em si seus talentos e obstáculos ao nascer tornando-se visível no desenrolar de sua biografia. Esses, compõem certos aspectos subjetivos de seu ser. O papel

relevante da educação seria olhar para essas questões e contribuir com o desabrochar dos talentos e ajudá-los a superar os obstáculos com ações pedagógicas. Como disse Rudolf Steiner, “a medicina é pedagógica e a educação sanadora”. Isso se torna possível quando compreendemos antropológicamente o desenvolvimento integral do ser humano, este é o mérito da Pedagogia Waldorf.

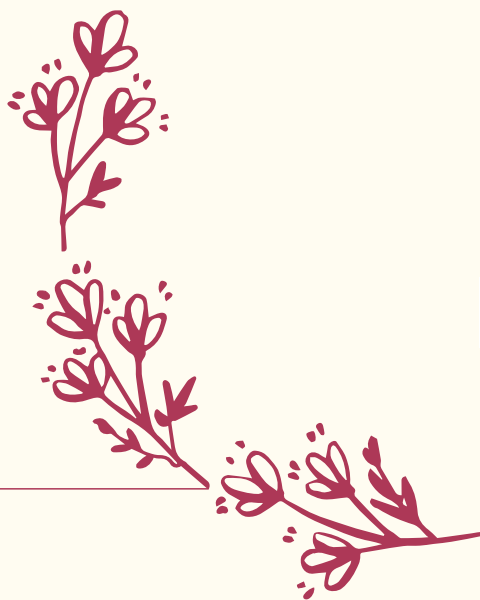
Outra contribuição preciosa para o debate veio do Prof. Jaime que, ao trazer o percurso da História da Educação e as mudanças que ocorreram na virada do século XX com propostas inovadoras no movimento da Escola Nova, evidenciou o quanto os princípios da Pedagogia Waldorf dialogam, de certa forma, com esses aspectos centrais. São eles:

- 1) *Considerar as etapas de desenvolvimento da criança;*
- 2) *Opor-se às escolas tradicionais existentes;*
- 3) *Considerar a Educação como preparação para a vida;*
- 4) *Exercitar o princípio do aprender aprendendo;*
- 5) *Compreender a ideia da Educação pelo trabalho.*

No segundo debate, intitulado “Escola e atuação sócio-política” o professor Marcelo Rito e a professora Florência Guglielmo ambos da Faculdade Rudolf Steiner debateram com a professora Carlota Boto da FEUSP, o tema sob a mediação da professora Helena Singer da Ashoka, Programa Juventudes.

O debate iniciou-se com uma apresentação da biografia de Rudolf Steiner pela professora Florência. Nessa ocasião, foram apresentadas as bases filosóficas da Antroposofia e seus desdobramentos em termos de organização social e, por conseguinte, das intenções que impulsionaram a fundação da primeira escola Waldorf. Em prosseguimento, o professor Marcelo descreveu o modelo da instituição Waldorf, inserindo-o na história da educação moderna e destacando suas conexões com o âmbito sócio-político. A debatedora Carlota chamou atenção para o caráter público inerente à escolarização desde o século XVIII e demonstrou a importância da escola como fator de equalização social. Após o primeiro momento, os debates prosseguiram com intervenções da plateia, sempre no sentido de aprimorar os conhecimentos acerca da pedagogia Waldorf.

Nesse contexto, o ciclo de debates contribuiu para a inserção da proposta inovadora de Rudolf Steiner ao mundo acadêmico. A FEWB e a Faculdade Rudolf Steiner se sentiram honrados, pois foi a primeira vez que um encontro desta natureza aconteceu em uma Universidade de tão respeitável e de tão longa tradição de ensino e pesquisa como a USP. Foi um privilégio para todos que lá estiveram. Um momento promissor em que coloca a relevância da Pedagogia Waldorf frente aos desafios da contemporaneidade. ■



A Pedagogia na TV Cultura

por Marina Hilsdorf Brito



A Antroposofia e a Pedagogia Waldorf foram temas do programa Momento Papo de Mãe, da TV Cultura, que foi ao ar no último dia 8 de maio e contou com as participações da professora Denise Seignmartin e de Marina Hilsdorf e seus filhos Bento (3º W) e Anna (5º W).

Nossa participação no programa Papo de Mãe da TV Cultura foi um momento onde pudemos falar de forma rápida e simples o que é a pedagogia e como funciona no dia a dia. A ideia de levar uma mãe e uma professora trouxe a visão sob a perspectiva familiar e a perspectiva pedagógica. Falamos a respeito do funcionamento em sala de aula, dos pilares da Antroposofia, da preparação para o vestibular, e principalmente da preparação da criança para um adulto saudável. O programa tem uma curta duração, 15 minutos e tivemos que ser objetivas em nossas respostas o que torna um grande desafio frente à profundidade que a Antroposofia nos traz. Mas ficamos felizes em participar e dar nossa contribuição para a divulgação desta pedagogia que escolhemos e reforçar as comemorações aos 100 anos da Pedagogia Waldorf!

É possível ver o programa novamente acessando o link:

https://tvcultura.com.br/videos/69082_voce-sabe-o-que-e-a-pedagogia-waldorf-momentopapo-de-mae.html

ACONTECEU NA FRANCISCO

Teatro do 12º Ano

Fotos: Thiago Borazanian



Foto: Lucas Moraes Rocha



Festa Semestral

Fotos: Thiago Borazanian



ACONTECEU NA FRANCISCO

Mangue Beach

por Livia Gomes Ferreira Campanholi

Quando pensamos na viagem do 5º ano escolar Waldorf muitas vezes a primeira impressão é de que se trata de um maroto passeio. E de fato esse tempo de reclusão também comporta um passeio. E chamo de reclusão porque saímos da grande metrópole para nos recolhermos num canto verde da Mãe Terra e no nosso caso em grupo, professores e alunos. Essa oportunidade de aproximação, de laços de amizade no conforto das descobertas são únicos e memoráveis. Por mais que tenhamos fotografado, desenhado e falado sobre, contando os variados aprendizados, relacionando-os com os estudos em classe, mesmo assim, só o coração é que guarda essa chama de liberdade, responsabilidade e autonomia que se é plantada.

E como semente em processo de germinação, bem em harmonia com o conteúdo desse ano escolar, a flora e a fauna que nos cerca é reconhecida e vivenciada e dentro de cada um de nós fica guardado a seiva viva de boas lembranças!

Todos os relatos abaixo são a expressão do que de mais intenso ficou nesses dias vitoriosos, pois os alunos superaram limites, descobriram-se mais corajosos e capazes, muitos deles pela primeira vez longe de suas famílias.

Que venham muitas outras oportunidades de vermos e sentirmos essa planta do conhecimento e do autoconhecimento crescendo! ■



No passeio passado na ilha do Cardoso teve coisas muito importantes e marcantes para mim, como: a primeira vez andando barco, primeira vez subindo em pedras e ver pássaros que nunca vi em São Paulo. Mas o que mais me marcou foi na praia, a Helena se jogando de barriga na água! nós jogamos taco, brincamos de nos jogar nas ondas.

Depois de irmos à praia nós tomamos banho e fizemos lição de casa e tivemos uma surpresa, na verdade duas, uma era as músicas e danças e a outra era uma fogueira linda!

E foi isso que me marcou tudo isso na Ilha do Cardoso!

Marina

Viagem na Ilha do Cardoso

Hoje vim aqui contar para vocês sobre as coisas que mais me marcaram na Ilha do Cardoso.

Primeiramente, eu adorei viajar com os meus amigos e foi a minha primeira viagem com a turma, porque eu entrei esse ano.

Bom, vou começar a contar. Uma das coisas que pra mim foi a mais bonita era o céu e o pôr-do-sol que tivemos a honra de ver.

As coisas lá são muito simples e todas as casas tem uma paisada. Fiquei muito feliz porque quem nos mostrou a Ilha do Cardoso foi o Senhor Ilton, muito carinhoso com todos nós.

A viagem inteira foi muito divertida. Com muitas risadas e diversão, eu adorei estar lá!
Com certeza voltarei!

Lorena.

Casas que me marcaram na Ilha do Cardoso

Antes de nós chegarmos na Ilha do Cardoso, nós paramos em Cananóia onde no almoço, e de lá pegamos um barco para irmos para a Ilha do Cardoso. Nós fomos um pouco antes de chegarmos lá onde na iamso ficar, nós paramos em uma ilha menor que tinha uma trilha até cachoeira, mas eu não fui. Depois pegamos o barco e fomos realmente para a ilha. Nesse dia nós fomos à praia à noite e foi muito legal o céu com as estrelas e a lua por conta da iluminação.

Na segunda dia nós fizemos uma caminhada na praia até a catão rochosa, na caminhada achamos canchais. Depois lá pra fim da tarde praticamos a praia e pudemos entrar na mangue. Também nós foi tão bom ali que foi, bem agradável! No penúltimo dia nós fomos na praia na final da tarde onde pegamos madeira para a fogueira que tinha a todos os ajudando aquele por da - se - foi uma imagem linda de se ver. Foi muito bom. E no último dia nós desmontamos um pouco, pegamos o barco e fomos para a ilha do Cardoso. Foi uma experiência muito boa, uma coisa que eu não vou me esquecer.

Amélie

Na Ilha do Cardoso

No primeiro dia eu marquei na trilha pequena as folhas que o Sr. Ilton pegou e no dia seguinte nós fomos caminhar novamente e vimos a cachoeira.

No manguezal quase todo mundo atoleu e o Sr. Ilton colocou lama no seu rosto e no seu cabelo. Depois do manguezal nós fomos para a praia para limpar as nossas roupas. E à tarde nós fomos pegar madeira na praia para fazermos a fogueira e nós tivemos a festa com música ao vivo.

Eu fiz muitos amigos na Ilha do Cardoso.

Pietro

Helena

Ilha do Cardoso

Hoje eu vou contar sobre as coisas que me marcaram, sobre as coisas eu descobri em Cananóia e na Ilha do Cardoso.

Uma das coisas que eu gostei foi de depois de andar de barco nós paramos numa pequena ilha onde nós caminhamos na mata e o

Sr. Ilton pegou uma folha e a desfiou, ela se transformou num fio muito forte que antigamente era usado como fio de rede de pesca.

Mas eu gostei mesmo, bem mais foi da parte da mangue e da gente no catão rochoso achamos o "Sr. Dirigueiro" e o "Lenny" que ficaram amigos. Lenny é um molusco que o Kaye achou e nomeou e o Sr. Dirigueiro era um caranguejo que eu achei e nomeei.

raça

Casas que me marcaram

Nessa, a casa que mais me marcou foi o mangue!

Foi uma experiência especial, foi muito legal porque tive gente que ficou com a lama ali e aquele boi ficou na minha casa porque eu vi gente que tinha nojo, eu aproveitei por toda a minha vida, porque eu acho que a gente tem que aproveitar a vida. Ninguém vive para sempre. Quando a gente crescer, a gente vai se arrepender de não ter aproveitado, por isso que essa experiência me marcou.

Outras coisas que me marcaram foram o céu e a praia onde a gente pegou as madeiras para a fogueira, aquela coisa maravilhosa! Aquilo era muito bom! Porque eu gostei.

Quando a gente foi escalar o catão rochoso eu encontrei o Sr. Ilton, ele era um molusco que estava na sua concha. Foi um que deu nome para ele. Nós depois escalamos o catão rochoso e rolamos bem.

Foi isso que me marcou, eu nunca vou esquecer!

Vla hoje eu estou aqui para falar
sobre as coisas que me marcaram na
Ilha do Cardoso.

Da na Ilha foi muito marcante por
exemplo: nós fomos no costão rochoso e foi
muito legal. Nós o escalamos sem os pais
ficaram falando: - "não vai, aí é perigoso!"

Antes disso, nós fomos numa trilha
que levou a gente numa cachoeira bem
gelada. E lá a gente entrou e foi ex-
citante.

É acho que foi só isso que me
marcou!

Dado Izak

O meu nome é Anna, e eu vou fazer
uma conclusão da minha viagem.
Então, eu gostei da brisa na barca, da era
boa. Eu também gostei da mangueira, nós tínhamos
um peixeiro muito bom, mas ali que foi engraçada;
eu atelei, toda mundo atalhei, nem que fosse um
ponguinho. Urr. Então ali afundou a barba na mangueira!
Além disso, eu gostei da praia; a água era
boa, mas a única coisa chata na mar é que tinha uma
corda para nós não ultrapassarmos. Também gostei dos
pedras na fira da praia. Elas foram um Costão Rocha-
ra e foi ali que agente conheceu a Larry e a Kayo
que a achou a Larry (a Kayo) era um naluca.

No dia seguinte foi engraçada quando fomos
pegar madeira (para acender a fogueira) porque na ca-
meça eu peguei alguns gravetos, mas depois ajudei to-
do mundo: Lorena e Kayo..., e nem foi toda mundo!

Uma coisa que eu nunca vou me esquecer
foi que toda vez que eu ia tomar banho a água era
fria enquanto eu queria era quente, mas depois de
um tempo ela ficava com a temperatura normal.

Cada noite eu e a Lúcia conversá-
mos sobre a dia, e fazíamos perguntas uma para
a outra.

Anna Hilzberg
Carvalho

Coisas que me marcaram na
Ilha do Cardoso

Eu gostei muito de sair da cidade, dos bledos e bugigarras,
eu fui para a floresta.

Também achei muito legal que naquele lugar
ninguém grita, briga e nem é mau educado, lá é tudo
calmo e tranquilo.

Uma coisa que me marcou é que na ilha eles são
muito inteligentes em pensar.

E por lá quase todos se conhecem, pois a maioria
deles são os parentes. Eles são muito ligados, com seus
antepassados que moraram na região.

Quase tudo é simples, mas eficaz!

Giovanni

Yamin

Hoje eu vou escrever sobre as imagens que mais
me marcaram nesta linda viagem à Ilha do Cardoso!

No primeiro dia à noite eu fiquei um pouco emotiva, mas
o que me acalmou foi ver a sombra da padroeira Lúcia com
a luz da lua a cima de sua cabeça, isso me fez lembrar o dia que
eu fiquei olhando o céu com o meu pai.

No segundo dia nós fizemos uma caminhada na praia vendo o
mar e o meu amigo Kayo encontrou um naluca e deu o nome de
Larry a ele, mas ele saiu da casa e o Kayo deixou cair na
água.

As imagens que ficaram na minha cabeça foram: da água caindo
da cachoeira e o céu que criou um arco-íris.

NA FUNÇÃO

A Costura e a Construção

por Fernande Andrade | Foto: Thiago Borazanian



Após completar 18 anos vivendo em Ubaíra, a 270 km de Salvador, Maísa de Jesus Santos decidiu tentar a vida em São Paulo. O fato de sua irmã já viver na capital há alguns anos a encorajou. Aliás, a coragem estaria ligada a ela desde sempre. A mudança não foi fácil. “Passei frio, não estava acostumada com o clima aqui. Até o modo de falar era difícil”, lembra.

O primeiro trabalho foi numa casa de família, cuidando de tudo, inclusive das crianças. Depois foi auxiliar de serviços gerais numa empresa que era terceirizada e a mandava cada dia para uma região da cidade. Com o passar do tempo chegou a filha Sara, no ano 2000, com quem construiria sua história em São Paulo. Só as duas.

Em 07.03.2005 conseguiu emprego na Francisco de Assis e a construção de uma linda história teve início. Sara se tornou aluna e Maísa seguiu com suas tarefas na escola. O começo foi difícil. “Ainda muito nova, Sara tinha de ficar sozinha em casa às vezes. Ficava muito preocupada. Era o corpo na escola e a cabeça em casa”, recorda.

Dentre tantas coisas positivas vindas da escola que atingiram Maísa, o trabalho manual teve um espaço especial. Vendo as aulas de costura,

crochê e tricô, ela se encantou com o trabalho de confeccionar bonecas de pano. “A primeira não ficou bonita, mas fui aprimorando”. A atividade ganhou mais espaço em sua vida quando a professora Denise Seignemartin ofereceu a ela um curso. “Costurando bonecas consegui uma renda extra e tive mês que paguei o aluguel com as bonecas”, conta.

Linha e agulha foram tecendo o caminho de Maísa e Sara. Hoje Sara faz faculdade de moda e Maísa, além das bonecas, constrói outro sonho: a casa própria por meio de uma cooperativa que funciona na região do pico do Jaraguá. “Todos os domingos ajudo na construção. Faço de tudo”, orgulha-se.

Quando perguntada sobre o que a EWFA representa em sua vida, Maísa confidencia: “Tudo que sei eu aprendi aqui”. Seus agradecimentos envolvem todos, especialmente Denise Seignemartin, a professora Rosa e Denise Scandura.

Maísa continua a construir, confeccionar e sonhar. Ano que vem sua casa estará pronta. Suas bonecas podem ser vistas e encomendadas no [@maisaboneca4](https://www.instagram.com/maisaboneca4) no Instagram. Parabéns por costurar um apreço tão grande com nossa escola. ■

VIDA EM VERSO

por Vidal Bezerra da Silva | Pós-graduado pelo IEL da UNICAMP. Graduado pela "Universidade São Francisco" – USF. Estudioso do Folclore e músicas variadas, Intérprete de Canções, Contador de Histórias, Poeta. É professor do Ensino Fundamental e Médio. Está no Conselho Deliberativo da EWFA.

Jacksons

Em poucas palavras não temos a
altivez para, aqui nesse espaço,
narrar, descrever... registrar

O quanto a capacidade de um ser
–Iluminado pelo Divino – pôde e
pode nossa vida inspirar.

Um simplório ser humano, com um
dom especial, um grande talento, um
ilustre brasileiro...

Nasceu numa árida terra no Pequeno
Estado da Paraíba, na cidade
chamada de Alagoa Grande,
Registrado e batizado fora: José
Gomes Filho; mas famoso pelo
algunho de Jackson do Pandeiro.

Nascido na pobreza, em uma região,
por “poderosos” explorada; sempre –
os donos da situação...

Veio para a vida terrena numa família
de artistas e Filho de um País que
ainda hoje tenta apagar

A luz de muitos que aqui surgiram
para que os escuros caminhos de
“nossa Nação” pudessem iluminar.

Era das letras – Analfabeto, mas o
alfabeto da vida cotidiana do povo
veio ilustrar

Com a sensibilidade que tinha sobre
os diversos “causos” da vida; para a
vida de muitos transformar.

Tinha uma condição física franzina e
era tímido no expressar, mas na
história e trajetória uma lição...

Por meio da poesia espontânea,
deixou sua marca, falou das festas do
povo; do que era tradição...

Em trinta e um do mês de agosto, se
vivo estivesse, cem anos completaria
– uma Luz gerada no sertão...

Subnutrido, garoto ainda ficou órfão
de pai... teve uma vida intensa e
conturbada nessa imensa vastidão;

Contudo, a alma melódica, em mestre
o transformou e Campina Grande um
trono a ele o reservou...

Conhecido como o Rei do Ritmo – o
Baião, o Coco, o Forró e o Samba...
para eternidade o consagrou.

Nós, seres que passamos por esse
Planeta, sempre temos uma missão...

Pensemos se a maioria tivesse uma
oportunidade; na qualidade da
educação...

Para preparar e lapidar os múltiplos
talentos com profundidade e
serenidade:

Quão bela e iluminada hoje seria essa
nossa vida efêmera nessa efêmera
humanidade?

Cada um com o seu ritmo tenha
condições de assumir o reinado da
própria vida – sem marchas rés;

Multipliquem-se os talentos de muitos
“Joãos, Rodolfos, Clementinas,
'Carolinas Marias'... e tantos outros
Jósés”

Reflitamos nos 'cem anos Waldorf' que
a educação ampla e irrestrita alimente
a arte de sempre aprender,

Respeitando as opções diversas e
valorizando o saber do mais simples e
o saber do doutor que se põe a
entender

Que a vida se transforma com os
múltiplos pensamentos e talentos... e o
saber do povo sempre pode enriquecer

Uma nação que tem “Jacksons” em
todos os rincões, com histórias, ritmos
e cantos, que nos impelem

A CRESCER.

AGENDA

JULHO

01 a 30 | Férias

31 | Planejamento

AGOSTO

01 | Início 2º semestre

10 a 11 | Apresentação Trab. anual 12º ano

16 a 17 | Apresentação Trab. anual 12º ano

24 | Sarau

31 | Interwaldorf

31 | Portas Abertas

SETEMBRO

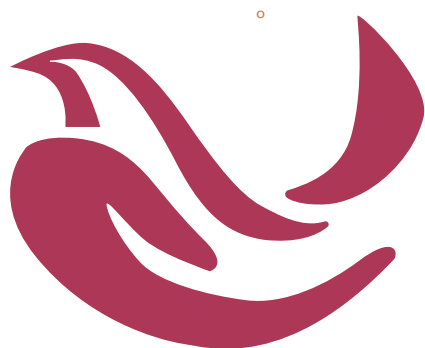
07 | Independência do Brasil

14 | Olimpíadas

19 | 100 anos da Pedagogia Waldorf

28 | Festa Semestral

29 | Dia de Micael



Escola Waldorf
Francisco de Assis

